

Interioridade e subjetividade: um percurso de Agostinho a Freud

Interiority and subjectivity: a passage of Augustin to Freud

Cecilia Cassal

Doutoranda em Filosofia pelo PPG-Filosofia da UNISINOS

Jasson Martins

**Doutorando em Filosofia pelo PPG-Filosofia da UNISINOS Bolsista
CAPES/PROSUP**

Resumo: O artigo procura estabelecer uma relação de continuidade entre a ideia de interioridade de Agostinho e o conceito de subjetividade em Freud. A interioridade, a partir da teoria da iluminação, fundamentou o que nós chamamos hoje identidade moderna. Essa identidade moderna, no ocidente, passa da interioridade à subjetividade, com a criação da psicanálise. Tanto a noção de interioridade agostiniana como a noção de subjetividade psicanalítica possui o mesmo objetivo: permitir que cada indivíduo conheça a si mesmo. Enquanto na teoria da iluminação era necessária a emergência de um luzeiro (Deus) que a tudo organiza e dá sentido; na psicanálise, com a emergência do inconsciente, o sujeito é o responsável por organizar o seu espaço interior, psicanaliticamente descrito como espaço cindido, sem organização e guiado pelas pulsões. Nessa perspectiva, na atualidade, a interioridade e a subjetividade são um espaço de produção de conhecimento de si e também o lugar onde se forjam as tecnologias de governo de si e também da sociedade.

Palavras-Chave: Interioridade. Subjetividade. Verdade.

Abstract: The paper seeks to establish a continuing relationship between the idea of interiority of Augustine and the concept of subjectivity in Freud. The interiority, from the theory of illumination, founded what we call today modern identity. This modern identity in the West, goes from the interiority to subjectivity, with the creation of psychoanalysis. Both the Augustinian notion of interiority as the psychoanalytic notion of subjectivity has the same goal: to allow each individual to know himself. While the theory of light was needed for an emergency beacon (God) who organizes everything and makes sense, in psychoanalysis, with the emergence of the unconscious, the subject is responsible for organizing its interior space, described as psychoanalytically space split without organization and guided by instincts. From this perspective, currently, the interiority and subjectivity are a space of knowledge production itself and also the place to forge a government of the technologies themselves and also of society.

Keywords: Interiority. Subjectivity. Truth.

1. Introdução

O homem moderno pode ser caracterizado e definido, através do conceito de interioridade. A partir dessa noção, o indivíduo moderno se diferencia não apenas dos outros seres, mas também demarca uma diferença na concepção de sujeito que precedeu o período moderno. A interioridade do homem moderno, a partir das reflexões de Charles Taylor, pode ser caracterizada como o lugar da verdade e da identidade do homem moderno. Em que medida essa interioridade conseguiu abrir caminhos para a criação da subjetividade da sociedade moderna? Em que situação filosófico-histórica surgiu essa noção de interioridade que fez aflorar uma incessante busca da verdade de si, através de psicoterapias e práticas que pressupõem uma interioridade?

Agostinho pode e deve ser considerado o criador do conceito de interioridade, na atualidade, na acepção moderna desse conceito. Em sua obra, *Confissões*, ele descreve parte de sua vida e demonstra qual o percurso que teve que fazer para conhecer a Deus. Essa descrição, algo inédito para a literatura da época, foi chamada pelos intérpretes de teoria da iluminação. Agostinho, nessa teoria, nesse *savoir-faire* para conhecer a Deus, demonstra que Deus está no interior do homem e o homem está em Deus. Para o Bispo de Hipona, Deus é a única verdadeira luz que habita no interior de cada homem.

2. Interioridade como lugar da verdade em Agostinho

Cada homem, feito à imagem e semelhança de Deus e possuidor dessa luz interior, deve buscar a verdade no seu próprio interior. Para Agostinho, Verdade e Deus são equivalentes. Logo, à medida que Deus é a verdade que habita o interior de cada homem, está definido o lugar da verdade e resta ao homem encontrar a verdade dentro de seu interior. O interior, nesse sentido, é a ligação entre o homem e Deus, o lugar da procura, mas também o lugar do encontro entre o Criador e a Criatura. Deus é uma espécie de luzeiro que ilumina o interior de cada homem. Em última análise, encontrar Deus é enxergar a si mesmo e ter-se nas mãos, como confessa Agostinho:

No que diz respeito a todas as coisas que compreendemos, não consultamos a voz de quem fala, a qual soa por fora, mas a verdade que dentro de nós reside à própria mente, incitados talvez pelas

palavras a consultá-la. Quem é consultado ensina verdadeiramente e este é Cristo, que habita, como foi dito, no homem interior. Quando, pois, se trata das coisas que percebemos pela mente, isto é, através do intelecto e da razão, estamos falando ainda em coisas *que vemos como presentes naquela luz interior de verdade, pela qual é iluminado e frui o homem interior; mas também neste caso quem nos ouve, conhece o que eu digo por sua própria contemplação e não através de minhas palavras, desde que ele também veja por si a mesma coisa com olhos interiores e simples* (AGOSTINHO, 2003, p. 31).

Assim, o homem compreende a si mesmo e aos outros não através da palavra que ressoa no exterior, mas pela Verdade, que reside no seu interior. Agostinho, herdeiro e continuador da tradição paulina (Cf. Ef. 3, 16-17), faz coincidir Interioridade e Logos, portanto, Interioridade e Verdade. O mestre não é aquele que fala ou ensina aos homens, o verdadeiro mestre é a Verdade eterna, que é comum a todos, presente no interior de cada homem. Nesse sentido, ao citar o verso de Virgílio para Adeodato, em sua obra *De Magistro*, Agostinho não pretende apenas mostrar para seu filho – o ouvinte – que as palavras não mostram nada mais do que outras palavras e o que importa é preparar a alma para a contemplação da verdade, pois o esplendor da verdade é tal que pode cegar um olho não preparado ao encará-la, como ele afirma no final do §21: “[...] fiz um prelúdio não para brincar, e sim para treinar as forças e a agudeza da mente, graças às quais possamos depois não só suportar, senão amar a luz e o calor daquela região bem-aventurada” (AGOSTINHO, 1973, p. 340).

O constante aperfeiçoamento da interioridade leva à descoberta de algo que vive obscuro, e somente na presença da verdadeira luz é possível clarear a obscuridade do homem interior. À medida que aconselha: *Noli foras ire, in teipsum redi; in interiore homine habitat veritas* “Não saias de ti, mas volta para dentro de ti mesmo, a verdade habita no coração do homem” (AGOSTINHO, 2002, p. 198), Agostinho está aconselhando o mergulho na profundezas da interioridade. Exatamente onde começa a ideia de oposição dentro-fora, a verdade vai sendo cada vez mais internalizada. Segundo o filósofo canadense Charles Taylor, “O propósito do apelo era mostrar como é tolice preocupar-se demais com a situação das

propriedades, por exemplo, e nem um pouco com a saúde da própria alma” (TAYLOR, 2005, p. 173).

Herdeiro de segunda mão da filosofia grega, Agostinho foi o primeiro a criar um modelo de auto-exploração no voltar-se para dentro de si. Sua filosofia, assim como a de Platão, é perpassada pelas idéias inatistas, segundo a qual o conhecimento não pode ser adquirido apenas sensorialmente, mas existe algo prévio na própria natureza humana que permite a aprendizagem. Com Agostinho, a interioridade firma-se como lugar da verdade, e sua herança chega até a modernidade com a interioridade imaterial da mente em Descartes, na sua célebre formulação: “Penso, logo existo”. Charles Taylor é taxativo ao afirmar que esse modelo de investigação voltado para o conhecimento da verdade de si será a base para a construção da sociedade moderna:

Descartes não foi o único a tomar o caminho agostiniano no começo da era moderna. Em certo sentido, aqueles dois séculos, XVI e XVII, podem ser vistos como um imenso florescimento da espiritualidade agostiniana ao longo de todas as diferenças de crenças, que continuou em seu próprio caminho pelo iluminismo, como o caso de Leibniz ilustra tão bem (TAYLOR, 2005, p. 186).

Notemos que a interioridade carrega a ideia da própria ideia, da mente, dos pensamentos, emoções, consciência, inconsciência, todos internalizados. Um trabalho hermenêutico de si começa a partir da preocupação com o homem, seus segredos, pensamentos, ideias e desejos. Isso constituirá toda a sociedade moderna que, segundo Charles Taylor, sofre uma enorme influência da filosofia agostiniana, a partir da busca da verdade de si, a partir da teoria da iluminação agostiniana.

A grande novidade de Agostinho frente à metafísica platônica, consiste na concepção de interioridade, isto é, em afirmar que “Deus” encontra-se no interior da alma do homem. Utilizando a leitura de Charles Taylor, podemos dizer que o *Self* – identidade e conhecimento de si mesmo – construído na presença de um interlocutor, passa do mundo das idéias para tornar-se presente no interior do homem à medida que nos movemos num certo espaço de indagações, em que buscamos e encontramos uma orientação para o bem, rumo ao superior.

O primeiro elemento destacado das *Confissões*, narrativa em primeira pessoa, justifica, em grande parte, o título do livro, onde o relato escrito sobre si mesmo centraliza na figura de Agostinho a pessoa do autor, do narrador e do personagem. Deste modo, esta obra constitui um dos primeiros textos que consegue relacionar a história compreendida como processo da realidade e a história como narrativa das realizações pessoais. Por conseguinte, o movimento do texto é descrito, em última instância, como história da interioridade e da subjetividade.

3. Subjetividade e cultura em Freud

Vimos que com Agostinho a noção de interioridade nasce e se torna a condição *sine qua non* para a construção da subjetividade moderna. Observamos também que é Agostinho quem cria o primeiro modelo de auto-exploração para se chegar à verdade de si e esse modelo servirá de base para muitas práticas da sociedade moderna. A partir do século XVIII, as práticas agostinianas começam a tomar forma no cotidiano europeu. É importante observar que, com a criação da noção de interioridade de Agostinho, abre-se um espaço – interioridade – que começará a ser preenchido a partir do século XVI, em consonância com a busca da verdade de si.

No século XIV a idéia do eu começa a se instaurar cada vez mais e a ganhar significado. A emergência do humanismo renascentista nas artes e na filosofia influencia bastante. O coração, por exemplo, passa a ser um símbolo da interioridade, lugar das paixões, dos crimes, das ações heróicas. As emoções são reconhecidas como uma parte do eu que precisa ser controlado pela razão, em função do equilíbrio. O interesse por si parece ter outra finalidade, que não aquela definida por Agostinho: o interior do homem agora não é apenas o lugar da Verdade, mas também o lugar das correções, do controle.

Entre os séculos XVI e XIX, códigos começaram a ser criados e inseridos na vida cotidiana das pessoas. Esses códigos comportamentais são propostos e internalizados, à maneira de códigos de condutas morais. Cria-se uma pedagogia das boas maneiras, como forma de controle social dos indivíduos. Nesse contexto, a noção de privado influencia e modifica os ambientes sociais, basta pensarmos as mudanças no campo da arquitetura e das artes em geral. O gabinete da casa, enquanto lugar das leituras, preces e contabilidades que passam a ser praticadas, revela uma das invenções dessa época dos

espaços privados. É o lugar onde o indivíduo passa a ficar consigo mesmo, fazendo suas leituras, estudos, reflexões, demonstrando a expressão do indivíduo criador e intelectual.

Através de seus procedimentos, Freud pôde captar e revelar muito da relação entre o indivíduo e a sociedade, entre a objetividade e a subjetividade. Ele chegou a esses resultados porque partiu dos processos psíquicos e culturais fundamentais compreendidos por ele como variáveis universais e condição de possibilidade para o desenvolvimento da humanidade. Freud subordinou essas variáveis à particularidade histórica e da singularidade individual e, com isso, desnudou os mecanismos pelos quais os processos e as exigências civilizatórias tornaram-se subjetivos. Freud compreendeu que fatores externos e fatores internos atuavam na mesma direção e, por isso, dissolveu a distinção e rejeitou a autonomia desses fatores, sem contudo unificá-los.

Assim como um planeta gira em torno de um corpo central enquanto roda em torno de seu próprio eixo, assim também o indivíduo humano participa do curso do desenvolvimento da humanidade, ao mesmo tempo que persegue o seu próprio caminho na vida. Para nossos olhos enevoados, porém, o jogo de forças nos céus parece fixado numa ordem que jamais muda; no campo da vida orgânica, ainda podemos perceber como as forças lutam umas com as outras e como os efeitos desse conflito estão em permanente mudança. Assim também as duas premissas, a que se volta para a felicidade pessoal e a que se dirige para a união com os outros seres humanos, devem lutar entre si em todo indivíduo, e assim também os dois processos de desenvolvimento, o individual e o cultural, têm de colocar-se numa oposição hostil um para com o outro e disputar-se mutuamente a posse do terreno. Contudo, essa luta entre o indivíduo e a sociedade não constitui um derivado da contradição - provavelmente irreconciliável - entre os instintos primevos de Eros e da morte. Trata-se de uma luta dentro da economia da libido, comparável àquela referente à distribuição da libido entre o ego e os objetos, admitindo uma acomodação final no indivíduo, tal como, pode-se esperar, também o fará no futuro da civilização, por mais que atualmente essa civilização possa oprimir a vida do indivíduo (FREUD, 1978, p. 190).

Toda uma estrutura começa a ser formada para a busca da verdade de si e a leitura foi uma das práticas que mais ajudaram nessa busca, nessa vontade de buscar a verdade de si. Foi uma das práticas que mais sofreu modificação e onde se criaram mais simbolizações, entre os séculos XVI e XVIII. A leitura, por exemplo, deixou de ser realizada para ouvintes e passou a ser valorizada na intimidade, na individualidade de cada um, uma leitura para si, através da qual a interioridade era forçada, reforçada ou modificada. Para atingir esses fins, algumas técnicas de leituras foram surgindo, como ler de boca fechada e em silêncio, por exemplo, pois facilitava a leitura e a reflexão pessoal. Consequência: a leitura individual modifica a característica da intelectualidade e os livros passam a fazer parte das casas, passando a ser acomodados em pequena biblioteca. A leitura, à medida que se assemelha à atividade ligada à intimidade, surge juntamente com o privado e a construção da subjetividade dos indivíduos.

Na história das ideias é marcante esse período histórico, a filosofia com caráter confessional em autores como Montaigne e Rousseau. Na psicanálise e na sociedade moderna, o falar de si traz uma idéia de libertação no sentido de tornar público a si próprio o que é privado de si. Nesse sentido, o processo de leitura modifica o processo de escrita. Se antes os tipos de escrita se resumiam em memórias, diários, posteriormente a autobiografia e a escrita de si, começarão a predominar no estilo de escrita e leitura. Essas escritas/leituras não falavam de si, do interior de cada um, e sim narravam acontecimentos de pessoas públicas, com uma riqueza de detalhes do cotidiano. É com a possibilidade de escrever diários que a construção da interioridade é, a cada vez, construída, refeita e/ou ampliada.

Os diários passam a ser cada vez mais íntimos, chegando a ser diários de confissão assim como a literatura corrente. As formas subjetivas de textos introspectivos foram abrindo caminhos para o desejo da confissão de si. O público e privado começa a ser bem mais delimitado e diferenciado, a família burguesa começa a ser acolhedora e o espaço privado começa a excluir o público. O século XVIII e XIX foi uma explosão de diários, cartas e romances, nos quais cada um falava do seu íntimo. Uma forma sutil de confessionalismo começa a entrar na vida do homem moderno. O homem começa a ser uma espécie de observador desinteressado de si mesmo.

Se antes o confessionário servia apenas como espaço para ablução litúrgica destinado aos católicos, pelo menos uma vez ao ano, no período moderno o ato de confessar tornou-se uma prática institucionalizada onde todos queriam se confessar com objetivo de encontrar-se consigo mesmos. Foucault demonstra muito bem isso no seu livro *História da Sexualidade*, quando procura demonstrar que a hipótese da confissão como algo ligado à repressão e castigo é uma hipótese insustentável. Foucault até concorda que houve certa mudança no discurso sexual, mas não uma repressão e sim outra forma de expressão sexual.

Em suma, gostaria de desvincular a análise dos privilégios que se atribuem normalmente à economia da escassez e aos princípios de rarefação, para, ao contrário, buscar as instâncias de produção discursiva (que, evidentemente, também organizam silêncios), de produção de poder (que, algumas vezes, têm a função de interditar), das produções de saber (as quais, frequentemente, fazem circular erros ou desconhecimentos sistemáticos); gostaria de fazer a história dessas instâncias e suas transformações (FOUCAULT, 1997, p. 86).

O sexo, desde esse período, pelo contrário, nunca foi tão colocado em evidência, através do discurso nas sociedades modernas e capitalistas. Foucault mostra que a principal transformação que começou a situar o sexo ao lado da verdade de si, foi a partir do Concílio de Trento, no século XVI. Nesse concílio, a igreja católica ditou novas formas de se confessar, onde a confissão deixou de ser apenas a confissão do ato sexual em si e passa a ser também a confissão da inquietação do desejo. Se antes a confissão se limitava às posições sexuais, movimento e atitudes, agora a confissão abrangia seu território para os pensamentos e desejos daquele que se confessava. Com os avanços nas regras da confissão, o desejo começa a ser colocado em discurso e, a partir do discurso, a interioridade começa a ser exteriorizada e modificada. Essa técnica será utilizada, mais tarde, como mecanismo para extrair a verdade de si, naquilo que Michael de Foucault chamou de dispositivo:

[...] um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos,

proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma, o dito e o não dito são os elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode estabelecer entre estes elementos (FOUCAULT, 1982, 123).

Na perspectiva de Foucault, o dispositivo foi cada vez mais aperfeiçoado, a partir de técnicas, com o objetivo de incentivar os indivíduos a falar da sua interioridade/intimidade, sobretudo sobre a sua sexualidade. Práticas médicas, jurídicas e pedagógicas incorporaram essa equiparação entre verdade, interioridade e sexo, como traços chave de leitura para entender o homem moderno. A medicina tentou classificar o homem segundo as suas perversões. A pedagogia abriu os olhos dos pais, professores, parentes, diante da sexualidade das crianças. A justiça, conectada à medicina e a pedagogia, procurou explicar os casos mais assombrosos, a partir da sexualidade. Todo esse conhecimento a partir do sexo, que foi igualado à verdade no interior do sujeito, só foi possível graças à noção de interioridade. Essa é uma excelente chave de leitura para compreendermos a construção da interioridade no interior da sociedade moderna. A partir dessa matriz interpretativa desse período histórico, é possível ligar o sucesso da psicanálise, enquanto técnica de conhecimento de si, à noção de interioridade definida por Agostinho.

4. Interioridade e subjetividade como lugar do *Self* moderno

Todo o saber acumulado sobre a sexualidade, a partir principalmente das confissões no período da Idade Média deixou de ser uma confissão dos atos sexuais e passou a ser a descrição dos pensamentos, desejos, fantasias, retirando a importância do ato sexual em si, deu mais espaço e importância aos desejos sexuais. Daí surge, como se sabe, a ciência do sexo (*Scientia Sexualis*). Livros científicos são publicados explicando o homem a partir do sexo com todas as suas classificações, ramificações, estigmatizações, como uma forma de falar da interioridade de maneira rigorosa com a ajuda da ciência. Para o sujeito, descobrir e cultivar a sua interioridade, era descobrir e cultivar seu sexo.

A partir de todos esses discursos, instituições, organizações arquitetônicas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais,

a introspecção e interiorização dos processos formadores do *Self*, tornam-se ainda maiores. Foucault tende a acreditar que esse cultivo da interioridade, a partir da sexualidade, é mais uma artimanha do dispositivo para que cada indivíduo possa falar de si. Uma falsa liberdade, é bem verdade. Acreditar na hipótese repressiva seria também uma artimanha do dispositivo, pois os obstáculos dariam valor à verdade e assim criaria a falsa noção de liberdade. Essa reflexão, através das relações entre verdade, liberdade e saber, que gera um poder-saber-sobre-si-mesmo, conduz o indivíduo a falar de si. Essa concepção de saber sobre si mesmo é bem diferente daquela apresentada por Agostinho. Em Agostinho, o interior é idêntico ao eu verdadeiro, o lugar onde cada um fala em primeira pessoa, lugar onde cada indivíduo deve ter-se nas mãos, como tão bem resume Charles Taylor:

A virada de Agostinho para o *Self* foi a virada para a reflexão radical, e foi isso que tornou a linguagem da interioridade irresistível. A luz interior é aquela que brilha em nossa presença para nós; é aquela inseparável do fato de sermos criaturas com um ponto de vista de primeira pessoa. O que a diferencia da luz exterior é exatamente o que torna a imagem da interioridade tão fascinante: ela ilumina aquele espaço onde estou presente para mim (TAYLOR, 2005, p. 174).

Para Foucault, a busca da verdade de si, iniciada desde os tempos dos pré-socráticos, ganha ascensão com a equiparação do sexo e verdade, onde a verdade do sujeito é equivalente a verdade de seu próprio sexo. Essa equiparação, longamente construída, iniciada pela vontade, passando pelas técnicas, saberes, discursos, descobrimento da verdade de si, foi criada sócio-historicamente. Podemos notar que, tanto a teoria da iluminação de Agostinho quanto a teoria psicanalítica de Freud, pressupõem que o sujeito não é tão autônomo e dono de suas ações. Ambos pressupõem que existe *algo* que conduz e condiciona cada individualidade, cada interioridade, a se comportar de tal ou tal maneira.

Para a teoria da iluminação de Agostinho esse *algo* seria Deus, para a teoria psicanalítica de Freud, esse *algo* é o inconsciente. Como podemos demonstrar, tomando a sério essa chave de leitura, a noção de interioridade influenciará a sociedade moderna e dará bases para o surgimento da psicanálise. Com a psicanálise vemos o homem

como sujeito de desejo e, para conhecer a sua verdade, ele deve reconhecer o seu desejo, que se encontra na sua interioridade. De forma muito semelhante, embora grosseiramente exposta aqui, o acesso à interioridade agostiniana, bem como o acesso ao inconsciente freudiano só são possíveis mediante uma análise de si. Em Agostinho, até mesmo o encontro com o divino só é possível mediante o acesso ao interior de cada um:

A idéia de que Deus deve ser encontrado no interior surge com mais força na descrição de nossa busca de autoconhecimento feita por Agostinho. A alma está presente para si mesma e, apesar disso, pode estar totalmente longe de conhecer-se; pode estar inteiramente enganada a respeito de sua própria natureza, como Agostinho achava que havia estado quando era maniqueísta (TAYLOR, 2005, p. 178).

A descoberta do inconsciente por Freud é um marco da influência da noção de interioridade na sociedade moderna. Depois de Agostinho, todo o desenvolvimento da sociedade tende a colocar o homem em ascensão procurando descrevê-lo como um ser de direito, deveres e, sobretudo, como detentor de uma sexualidade e uma intimidade. Em Agostinho, era necessário pressupor o luzeiro, para iluminar a interioridade no caminho rumo à verdade que habitava o interior do homem. Na psicanálise é necessário pressupor o inconsciente para garantir a emergência do sujeito dividido, do sujeito desejante. Nesse sentido, a subjetividade do homem moderno foi criada sobre as bases da noção de interioridade. Sob essa mesma noção, a psicanálise edificará sua ideia de homem.

5. Conclusão

Existe uma relação de proximidade entre o fundador da interioridade e o pai da psicanálise. Freud, como pensador da cultura, fundou a psicanálise graças não só à noção de interioridade, mas também a todo o desenvolvimento que houve e todo o conhecimento que foi produzido e criado a partir dessa interioridade: preenchida com a busca da verdade de si. Quando a psicanálise surge, reafirma o lugar de reação ao racionalismo cartesiano, do sujeito consciente. Freud, ao lançar as bases da psicanálise, mostra a potência do domínio do inconsciente. Na psicanálise, a auto-exploração de si, a busca de

seu desejo, corresponde em Agostinho à busca da verdade interior, colocando a interioridade como lugar da verdade. Na psicanálise, o desejo está no interior do sujeito e foi sob esta base que Freud lançou mão de toda a fundamentação do sujeito, mostrando que o interior de cada indivíduo é povoado por traumas, angústias, neuroses e desejos perversos. No lugar da verdade, contrariamente a Agostinho, Freud encontra as neuroses.

A busca da verdade de si, como bem demonstrou o trabalho de Foucault, foi “preenchida”, ao longo da história do ocidente. Esse “preenchimento” coincide com o surgimento dos códigos de conduta que começam a ser internalizados, no contexto da sociedade burguesa e com o aumento da privacidade individual. Os escritos sobre a interioridade, bem como a descrição da interioridade, também forjaram, ao longo da história, elementos para a identidade moderna.

Para efeitos de compreensão, pode-se dizer que com o cristianismo nasceu a interioridade e com a modernidade surgiu a subjetividade. A construção da subjetividade moderna, nada mais é do que o preenchimento da interioridade do indivíduo moderno com conteúdos igualmente modernos, ou seja, na modernidade a busca da verdade de si coincide com a formação da subjetividade. Por conseguinte, a busca da subjetividade coincide com a busca da verdade de si, da verdade interior. A subjetividade do homem moderno foi forjada à base da noção de interioridade e é sobre esta base que a psicanálise edifica sua noção de homem.

Referências bibliográficas

AGOSTINHO. *De Magistro*. São Paulo: Abril Cultural, 1973. (Os Pensadores).

_____. *A verdadeira religião; O cuidado devido aos mortos*. São Paulo: Paulus, 2002.

_____. *Confissões*. Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2003.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1982.

_____. *História da sexualidade: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, 1997. (v. 1).

FREUD, Sigmund. *O mal-estar na civilização*. São Paulo: Abril Cultural, 1978. (Os Pensadores).

TAYLOR, Charles. *As fontes do self: a construção da identidade moderna*. São Paulo: Loyola. 2005.

